

ENTREVISTA

Um colóquio além-mar: entrevista com Claudio Baraldi por Lisandra Ogg Gomes*

Entre o Brasil e a Itália existem mais semelhanças do que diferenças.

A compreensão dessa afirmação pode dar-se em contextos diversos, mas aqui é usada para mostrar que os estudos realizados por Claudio Baraldi têm similaridade com as pesquisas brasileiras.

O sociólogo Claudio Baraldi doutorou-se em Sociologia e Pesquisa Social pela Universidade de Trento, na Itália. Atualmente é diretor da Faculdade de Letras e Filosofia e professor na Universidade de Modena e Reggio Emilia, Itália. Ocupa-se das cátedras *Sistemas sociais e cultura da comunicação*, *Teorias e métodos do diálogo e da mediação* e *Sociologia dos conflitos interculturais*.

Além disso, o pesquisador integra o comitê de investigação da Sociologia da Infância na Associação Internacional de Sociologia (ISA). É vice-diretor do *Centro Interuniversitário de Pesquisa e Estudos sobre a Família, Infância e Adolescência* (CIRSFIA) na Universidade de Urbino, Itália. Também é diretor do *Centro de Estudos sobre a Cultura da Paz e da Sustentabilidade* (CPS) da Universidade de Modena e Reggio Emilia.

Segundo Claudio Baraldi, suas pesquisas - teórica e empírica - desenvolvem-se a partir de quatro áreas temáticas correlacionadas. Basicamente são elas:

- a) formas e culturas da infância e da adolescência com particular referimento aos grupos informais, formais, como, por exemplo, família, sistemas educativos e projetos de promoção da cidadania;
- b) formas e culturas de intervenção destinadas às crianças e aos adolescentes;
- c) comunicação intercultural, formas de discriminação e de respeito pelas pessoas, produção e gestão de conflitos, técnicas de diálogo e mediação intercultural;

* Doutoranda em Sociologia da Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. Bolsista Fapesp.

d) metodologias, técnicas de pesquisa empírica e análises de avaliação dos projetos, processos de intervenção e seus resultados.

Suas pesquisas pautam-se em diferentes técnicas, mas são predominantemente qualitativas. Para o sociólogo, que analisa as conversas e estuda o diálogo, as técnicas da Sociologia Visual - gravações em vídeo, produções de vídeo, criações de ferramentas multimídia e estímulos visuais - revelam-se úteis para uma apreciação direta das formas e dos processos de comunicação, conquanto correlacionados à análise da representação social.

São diversas suas obras em âmbito nacional e internacional. Seus livros e artigos são produções próprias e parcerias. Sua obra mais recente, produzida juntamente com Federico Farini, é intitulada *Campi a Monte Sole* (2010). Em 2009 lançou *Dialogue in intercultural communities e*, ainda, com Guido Maggioni, escreveu *La mediazione con bambini e adolescenti* (2009).

Entre suas diversas obras a respeito das crianças, são importantes os livros *Bambini e Società* (2008); *Il bambino salta il muro* (2001) - obra produzida em parceria com Vittorio Iervese e Alessandro La Palombara -; *Una città con i bambini* (2000), editada com Guido Maggioni; e *Costruzioni sociali dell'infanzia e cittadinanza dei bambini* (1999).

Por sua vez, é importante indicar *Dialogare in classe* (2007); *Educational and intercultural narratives in multicultural classrooms* (2006); *Costruire la diversità e il dialogo con bambini preadolescenti* (2005); *Pratiche di partecipazione* (2003); e *La prevenzione delle azioni giovanili a rischio* (2002).

Da mesma forma, seus artigos acadêmicos tratam da infância e da adolescência e os mais recentes são *Limitations and possibilities of childhood sociology in Italy* (2010), *Is cross-cultural mediation a technique?* (2010), *Interazione didattica e comunicazione interculturale* (2010) e *Interazione didattica e apprendimento linguistico* (2010).

Com esta entrevista¹ espera-se que seja possível mostrar um pouco da pesquisa e dos estudos desse sociólogo italiano que há mais de 20 anos estuda as crianças e os adolescentes².

Entrevistadora: Primeiramente, agradeço sua participação e gostaria que o senhor contasse como surgiu seu olhar sociológico pelas crianças e adolescentes? Como foi essa trajetória até as crianças e os adolescentes?

Claudio: Em um primeiro momento, em 1984, comecei a interessar-me pela adolescência, por meio de uma colaboração que me foi oferecida pela prefeitura da minha cidade, Modena, que havia criado um serviço de políticas para a juventude. Então desenvolvi esse interesse no campo das atividades não universitária, mas combinando-o com aquele da pesquisa sociológica. O interesse pelas crianças nasceu alguns anos depois, na metade dos anos 90, em ocasião de um congresso realizado na Universidade onde trabalhei como pesquisador - em Urbino³ -, durante o qual descobri que muitas atividades que anteriormente eram propostas aos adolescentes eram também desenvolvidas com as crianças.

Entrevistadora: Em Modena, como era este serviço de políticas para juventude? Quais eram as atividades dirigidas aos adolescentes?

Claudio: Em Modena, o serviço de políticas para a juventude não se ocupou da infância, mas sim da adolescência. Entre os principais aspectos que o caracterizaram podem ser destacadas as intervenções de rua feitas com um micro ônibus equipado que tinha a função de informar e promover a participação, um centro de música, um centro de informações para os jovens, um projeto de atividades artísticas dirigidas aos jovens e um centro de documentação e pesquisa.

¹ Primeiramente, esta entrevista foi realizada por email em outubro de 2010. Em segundo lugar, quero agradecer à Maria da Graça Jacintho Setton e à Maria Letícia B. P. Nascimento pela leitura deste material.

² Foi por meio do grupo de pesquisa e estudos Sociologia da Infância e Educação Infantil, organizado por Maria Letícia B. P. Nascimento - FEUSP/Faculdade de Educação, na Universidade de São Paulo -, que conheci o trabalho de Claudio Baraldi. No ano de 2010, conheci-o pessoalmente quando fiz um período de estágio no exterior, financiado pela CAPES (PDEE - Programa de Doutorado no Brasil com Estágio no Exterior), nas Universidades de Florença e Modena e Reggio Emília.

³ Cidade na região de Marche, Itália Central.

Entrevistadora: O senhor poderia explicar quais são os principais pontos da sua atividade de pesquisa?

Claudio: A minha atual atividade de pesquisa diz respeito essencialmente a dois pontos: de um lado, a comunicação entre crianças/adolescentes e adultos; de outro lado, o tema da promoção da participação social das crianças e adolescentes. Em particular, mas não exclusivamente, também tenho interesse pelos contextos interculturais.

Entrevistadora: Como o senhor entende o conceito de comunicação? Quais os contextos interculturais que lhe interessam?

Claudio: Entendo a comunicação como a coordenação de ações e compreensão, uma unidade que gera informações. Portanto, para entender a comunicação é necessário considerar não apenas o modo como um indivíduo age, mas também como qualquer outro compreende o significado da ação e da informação daí derivada. Eu analiso a comunicação intercultural sobretudo nos contextos educativos e de saúde.

Entrevistadora: O senhor poderia explicar quais são os principais instrumentos metodológicos empregados em suas pesquisas? Por quê?

Claudio: A minha pesquisa é essencialmente qualitativa e, em particular, meus interesses distanciaram-se do uso de entrevista gravadas com modelo semi-estruturado, o qual foi preponderante até ao final dos anos 90, para aproximarem-se das análises de interações audiovisuais que caracterizaram o último decênio. Isso porque analiso a comunicação e, assim, procuro instrumentos que me permitam entendê-la: se é verdadeiro que as entrevistas permitem verificar como os participantes vêem a comunicação, as gravações das interações permitem observá-la de maneira direta.

Entrevistadora: O senhor poderia dar um exemplo de como é feita a observação em modo direto dos registros das interações?

Claudio: Reproduzir um único exemplo não é fácil, pois é sempre necessário observar o contexto, o qual fornece indicações a respeito dos pressupostos culturais das interações. Ainda assim posso tentar. Por exemplo, se observamos as seguintes interações em uma sala de aula:

1. Professora⁴: - Então, já lemos algumas histórias. Por exemplo, na primeira notamos diversas coisas. Você, Paolo, o que notou nessa primeira história?
2. Paolo: - Que os animais também podem se ajudar uns aos outros.
3. Professora: - Sim, que também os animais podem se ajudar de vez em quando. Mas essa história, você a achou muito diferente das nossas? Aliás, notou alguma semelhança?
4. Paolo [depois de um instante de hesitação]: - Não, há algumas semelhanças.
5. Professora: - Eu diria que existem várias semelhanças. São muito parecidas com algumas histórias que contamos aqui na Itália. E vocês, recordam qual? Você Gennaro.
6. Gennaro: - Tem uma formiga que está se afogado e a pomba a pega e a leva para cima.
7. Professora: - Sim, e depois o que acontece Marco?
8. Marco: - Que depois a formiga o pica para salvá-la.
9. Professora: - Que no momento em que um caçador está para atirar na pomba, a formiga o pica e, assim, ele erra o tiro. Portanto, temos um caso de ... ?
10. Crianças: - Amizade.

Podemos observar nesse relato que:

⁴ Como o entrevistado não especificou o gênero, escolhi a forma feminina, pois na Itália a escola também é um espaço predominantemente feminino.

1. As perguntas da professora (os itens 1, 3, 5, 7, 9) têm a função de explorar a compreensão correta dos estudantes: portanto, a participação das crianças é dirigida para um sentido educativo, com base nas expectativas da professora.
2. As respostas das crianças refletem e retomam o texto que a professora propõe através da pergunta; não é central a coordenação entre as posições, mas a correção da resposta.
3. A orientação para o valor da correção é indicado pelo recurso de formulações por parte da professora (itens 3, 5, 7, 9). Nestas formulações, o uso de elementos de confirmação ("sim") e de formas retóricas de dúvida ("diria") tem o significado de dirigir a comunicação para a correção. No item 9, a formulação não é antecipada por confirmações ou fórmulas de dúvida, mas é claramente de correção: de fato, trata-se de uma ampliação que corrige o que fora afirmado por Marco no item 8 seguida de uma pergunta suspensa, a qual projeta uma adaptação à correção como um complemento.

A estrutura da interação, portanto, é aqui indício de uma orientação à educação; as crianças são convidadas a ajustar-se às exigências de suas obrigações e às expectativas da professora.

Entrevistadora: Sei que o senhor é um estudioso de Niklas Luhmann, quais as contribuições desse autor para o campo sociológico infantil e da juventude?

Claudio: Luhmann ensinou-me o significado da comunicação e dos seus pressupostos na sociedade e nos seus subsistemas. Pelos motivos que expus anteriormente, esses aspectos são fundamentais também para as análises que desenvolvo sobre a infância, considerada no cenário da sociedade e na participação na comunicação. Em particular, ajudam-me a entender o significado do sistema educativo.

Entrevistadora: Poderia explicar seu entendimento a respeito do sistema educativo?

Claudio: Sendo extremamente sintético, na sua forma tradicional, o sistema educativo é um sistema de comunicação pautado na distinção de valores entre

resultados⁵ corretos e resultados que indicam erros. Sobre essas bases produz-se uma hierarquia de papéis fundamentada em diversos graus de conhecimento e competência entre professores e estudantes e nas avaliações dos segundos pelos primeiros. As expectativas fundamentais são cognitivas, isto é, são expectativas de aprendizagem dos estudantes que devem, dessa forma, adaptar-se às solicitações dos professores. Todavia, o sistema educativo está evoluindo a partir das solicitações crescentes para considerar cada vez mais os próprios estudantes e, assim, introduzir possibilidades de expressão pessoal e atenuar as avaliações e as correções.

Entrevistadora: Além de Niklas Luhmann quais são os outros teóricos e as escolas que fazem parte da sua trajetória acadêmica? No que diz respeito às pesquisas sociais com crianças e adolescentes, quais seriam os estudiosos imprescindíveis? Por quê?

Claudio: Nos últimos anos, aprendi a reconhecer as contribuições das análises à conversação, em especial os estudos de John Heritage e Ian Hutchby, e da sociolinguística, sobretudo a escola de John Gumperz. Nos estudos sobre a infância, contribuições que considero importantes foram produzidas por Alan Prout e, mais genericamente, pela escola inglesa, a qual conta com numerosos expoentes que escreveram sobre este tema.

Entrevistadora: Como o senhor entende o campo da sociologia da infância? Este é um novo campo de estudo? Quais as principais contribuições do campo sociológico à infância e à adolescência?

Claudio: Acredito que a sociologia da infância é importante porque colocou em evidência que não apenas os adultos, mas também as crianças são participantes ativos e importantes na sociedade. Essa concepção possui importantes aspectos de caráter epistemológico porque coloca em discussão tanto a idéia de que a

⁵ Claudio Baraldi utiliza a expressão "prestazione", a qual significa execução de algo, resultado e rendimento.

participação na comunicação é fundamentada em pressupostos de competência e racionalidade adulta quanto a idéia de que as assimetrias sociais mais radicais são também impedimentos à participação ativa. Trata-se de uma mudança tão importante quanto aquela que levou a observar as mulheres como participantes sociais ao lado dos homens.

Entrevistadora: Se assim posso chamá-la, o senhor poderia esclarecer sua "teoria das expectativas" - afetiva, cognitiva e normativa?

Claudio: A idéia de fundo é que a comunicação tem como pressuposto expectativas que dizem respeito aos seus resultados. Assim, pode-se esperar que da comunicação resulte uma estabilidade ou uma conservação de pressupostos (expectativas normativas), ou uma mudança (expectativas cognitivas), ou ainda uma auto-expressão dos participantes (expectativas afetivas). Em sistemas sociais diversos, diversas formas de expectativas podem ser primárias. Por exemplo, no sistema educativo, são primárias as expectativas cognitivas (aprendizagem compreendida como mudança). Todavia, criam-se também expectativas normativas (regras) e, segundo as determinações que consideram que a educação deva ser "centrada" na pessoa, também expectativas afetivas (expectativas de auto-expressão).

Entrevistadora: Considerando as pesquisas sociais com crianças e seus estudos sobre as formas e processos de comunicação, como realizar investigações com as crianças bem pequenas, aquelas que ainda estão desenvolvendo a linguagem?

Claudio: Esse é um tipo de pesquisa muito difícil, porque se fundamenta na comunicação não verbal. Existem interessantes tentativas da parte de psicólogos que estudam as relações - como, por exemplo, Maria Legerstee -, os quais analisam como as crianças orientam-se para certas ações dos adultos através de olhares ou gestos. Todavia, o campo é muito delicado porque a interpretação do não verbal, sem a sustentação da verbalização, é muito discutível. Eu não saberia acrescentar

outro argumento porque em geral não me ocupo de comunicação não verbal sem considerar a verbal.

Entrevistadora: Quais as maiores dificuldades na realização de pesquisas sociológicas com crianças e adolescentes?

Claudio: As dificuldades referem-se aos contextos nos quais as crianças e os adolescentes estão envolvidos em atividades institucionais e, portanto, devem dar atenção ao pesquisador nos momentos informais ou lúdicos. Nestas circunstâncias é necessário fazer um grande esforço para não "atrapalhar" muito a atividade, encontrando métodos pouco invasivos. Mais genericamente, cada vez que as crianças, e sobretudo os adolescentes, estão pessoalmente muito envolvidos, fazer pesquisa torna-se complicado (mas, na realidade, isso vale também para os adultos). Não vejo outras dificuldades específicas, à parte aquelas anteriormente indicadas na comunicação não verbal das crianças muito pequenas.

Entrevistadora: Como o senhor compreende a relação entre instâncias de socialização - escola, família e mídia -, atuações infantis e desenvolvimento das crianças?

Claudio: Tradicionalmente, a participação das crianças na escola e na família foi observada como subordinada às ações dos adultos e a socialização foi observada como uma determinação exterior. Ademais, essa visão é acentuada pelos meios de comunicação, uma vez que se considera que podem influenciar as crianças com efeitos fortemente não educativos. Ao contrário, na bela perspectiva dos novos estudos sobre a infância as crianças jamais são determinadas a partir do exterior: de um lado a ação delas sempre influencia a ação dos adultos em uma relação que é mais circular do que linear; de outro lado, as crianças são agentes de mudanças, pelo menos na família e na escola onde podem interagir diretamente com os adultos. A socialização pode assim ser observada como auto-socialização, isto é, como um processo que indiscutivelmente requer que as crianças se adaptem ao contexto

social, mas que ao mesmo tempo não prevê uma determinação externa, nem dos pensamentos e tampouco das ações delas.

Entrevistadora: Como o senhor vê as atuações e participações das crianças e dos adolescentes na sociedade italiana?

Claudio: Houve uma década, entre o início dos anos noventa e início do novo século, em que muitas ações políticas promoveram a participação das crianças e mudaram em parte a cultura da infância. Esse decênio também se fundamentou em uma tradição importante, sobretudo das escolas da infância, nascida em Reggio Emilia depois da Segunda Guerra Mundial, a qual teorizou e implementou a autonomia das crianças. Contudo, no último decênio, vejo novamente um desinteresse político e cultural que deixa espaço para uma cultura da "criança em via de desenvolvimento" a ser protegida e cultivada. Não estou dizendo que as mudanças foram todas anuladas; ao contrário, seguramente hoje a visão sobre a criança é muito mais orientada à participação do que era cinquenta anos atrás. Mas certamente o entusiasmo diminuiu e as pesquisas tornaram-se menos frequentes e complexas.

Entrevistadora: As pesquisas sociológicas com crianças e adolescentes desenvolvidas na Itália provocaram modificações nas relações entre adultos e crianças e entre adultos e adolescentes? De que forma ou como isso vem ocorrendo?

Claudio: Não acredito na capacidade das pesquisas sociológicas mudarem diretamente as práticas sociais. No entanto, é possível que a pesquisa estimule a reflexão entre aqueles que estão diretamente envolvidos nas relações com as crianças. Honestamente, vejo até mesmo um impacto limitado da pesquisa a partir desse ponto de vista: frequentemente o interesse por uma nova pesquisa é efêmero porque outras prioridades, muitas vezes de urgência, ocupam seu lugar.

Entrevistadora: Quais seriam seus próximos projetos? O senhor poderia explicar o que seriam os Estudos sobre a Cultura da Paz e da Sustentabilidade (CPS) e o Laboratório de Análise da Interação e da Mediação (LAIM)?

Claudio: Os meus projetos futuros vão na direção de um aprofundamento dos pressupostos culturais da comunicação entre adultos e crianças, nos contextos escolares, mais especificamente educativos e outros que possam ser relevantes. O Centro de Estudos sobre a Cultura da Paz e da Sustentabilidade é importante como sede dessas pesquisas porque nele trabalha um grupo que se ocupa desse tema, estudando a fundo os modos através dos quais a educação pode promover o diálogo. Contudo, considero ainda mais importante uma nova experiência, de um Centro Nacional ao qual aderiram oito universidades - denominado AIM (Análise da Interação e da Mediação)⁶ - que se concentra justamente nos processos de interação e que, portanto, permite apontar as pesquisas com mais precisão para essa área de análise.

Bibliografia:

BARALDI, Claudio; FARINI, Federeico (a cura di). **Campi a Monte Sole. Pratiche di educazione e mediazione in gruppi di adolescenti**. Roma: Carocci, 2010.

_____; IERVESE, Vittorio "Dialogic mediation in conflict resolution education". In: **Conflict Resolution Quarterly**, n.º. 27, vol. 4, 2010.

_____. "Limitations and possibilities of childhood sociology in Italy". In: **Current Sociology**, n.º 58, vol. 2, 2010.

_____. "Is cross-cultural mediation a technique? Theoretical/methodological frameworks and empirical evidence from interaction". In: BUSCH, D.; MAYER, C-H.; BONESS, C.M. (eds.). **International and Regional Perspectives in Intercultural Mediation**. Frankfurt/amMein: Peter Lang, 2010.

_____. "Interazione didattica e comunicazione interculturale". In: GRASSI, R.; PIANTONI, M.; GHEZZI, C. (a cura di). **Interazione didattica e apprendimento linguistico**. Perugia: Guerra, 2010.

⁶ Analisi dell'Interazione e della Mediazione (AIM).

- _____. (ed.). **Dialogue in intercultural communities. From an educational points of view.** Amsterdam: John Benjamins, 2009.
- _____; MAGGIONI, Guido (a cura di). **La mediazione con bambini e adolescenti.** Roma: Donzelli, 2009.
- _____. **Bambini e società.** Roma: Carrocci, 2008.
- _____ (a cura di). **Dialogare in classe. La relazione tra insegnanti e studenti.** Roma: Donzelli, 2007.
- _____. **Education and intercultural narratives in multicultural classrooms.** Roma: Officina, 2006.
- _____. **La città con i bambini. Città amiche dell'infanzia in Italia.** Firenze: UNICEF, 2005.
- _____. (a cura di) **Costruire la diversità e il dialogo con bambini preadolescenti.** Imola: La Mandragora, 2005.
- _____; MAGGIONI, Guido; MITTICA, Maria Paola (a cura di). **Pratiche di partecipazione. Teorie e metodi di intervento con bambini e adolescenti.** Roma: Donzelli, 2003.
- _____; ROSSI, Elisa. **La prevenzione delle azioni giovanili a rischio.** Milano: FrancoAngeli, 2002.
- _____; IERVESE, LA PALOMBARA, Alessandro. **IL bambino salta il muro, Culture e pratiche sociali negli asili nido e nelle scuole dell'infanzia.** Bergamo: Junior, 2001.
- _____; MAGGIONI, Guido (a cura di). **Una città con i bambini. Progetti ed esperienze del Laboratorio di Fano.** Roma: Donzelli, 2000.
- MAGGIONI, Guido; _____ (A cura di). **Costruzioni sociali dell'infanzia e cittadinanza dei bambini.** Urbino: Quattorventi, 1997.